

UM JORNAL HYPOCRITA

Refiro-me á «Palavra», do Porto, cujos redactores, arvorados em chefes do movimento catholico, á custa do qual se sustentam e vivem, ainda não cessaram de insultar o clero de Barcellos. Fui eu, nomeadamente, um dos mais guerreados por aquelle jornal, que é, com certeza, a deshonra do jornalismo catholico. Para minha defeza e justificação enderesei-lhe o seguinte artigo, que não mereceu a honra da publicidade, pelas razões que mais tarde esporei:

EU E O «PROCOPIO»

Sim, eu e o Procopio, que é, como quem diz, o pigneu e o gigante. Mas isso pouco importa; todos sabem que David venceu Goliath. Embora tenha de me defrontar com quem maneja habilmente a penna, não receio a luta, nem temo a estrategia do adversario: a verdade, emboza impugnada por um habil contendor, nunca deixou de ser verdade.

E vamos ao caso.

Extranha o sr. Manuel Fructuoso da Fonseca, redactor da *Palavra* e forjador das correspondencias de Lisboa, com o pseudonymo de Procopio (logo provarei a affirmativa), que eu tivesse o arrojo de lhe enviar o postal, que s. ex.ª teve a ousadia de, sem auctorisação minha, publicar no seu jornal de 23 do corrente. E digo ousadia porque s. ex.ª nunca poderia proceder d'esse modo, com referencia a um documento particular, meramente particular. Parece-me até que a lei, em abusos d'esta natureza, commina graves pennas aos transgressores.

Isto pouco importa, porém, para o caso, que tenho desejo de deixar passar sem barulho.

Não tem o sr. Fructuoso motivo para tão singular extranheza.

S. ex.ª sabe tão bem como eu:

—1.º: que a candidatura do sr. bispo d'Himeria, que muito respeito e venero, não tinha o caracter de independencia que s. ex.ª lhe quiz attribuir na «Palavra»;

—2.º: que o movimento a favor d'esta candidatura era partidario, sómente partidario;

—3.º: que á «Palavra», jornal que suporou venero por todos os poros, que insultou soezmente o clero barcellense e que falseou, muito propositadamente, a historia da candidatura de tão preclaro prelado, se deve o desaire que recahiu sobre os dirigentes do movimento catholico. Ora vamos por partes.

I

Que a candidatura do sr. bispo de Himeria não tinha o caracter de independencia partidaria, pro-

vou-o, na reunião do clero effectuada em Barcelinhos, o sr. abbade Paes. Foi este ecclesiastico quem promoveu a candidatura, entendendo-se, não com o centro catholico instaurado n'este concelho, mas sim com o chefe progressista e ministro do reino. Foi isto o que, além d'outras cousas, o sr. abbade Paes declarou na reunião de Barcelinhos. Se o sr. Procopio não for desmemoriado deve estar bem certo da verdade, porque, como eu, assistiu á reunião. D'esta parte do discurso do sr. abbade Paes não fez a «Palavra» extracto, mas percebe-se perfeitamente o motivo da omissão...

Saberá o Procopio quem é o sr. abbade Paes? É um ecclesiastico distincto; mas, pelo seu passado e por tradição de familia, foi e é, em politica, um dos mais importantes caudilhos do partido progressista n'este concelho.

É verdade que o sr. bispo d'Himeria fez declarações categoricas em sentido contrario, mas o que não é menos verdade é que s. ex.ª rev.ª recebera uma mensagem assignada na sua totalidade (exceptuando o sr. arcepreste, que nunca foi politico) por progressistas. O que isto prova é que os progressistas illudiram o sr. bispo de Himeria, usando de tantos embustes e habilidades, que todos os esforços e empenhos, para convencerem s. ex.ª rev.ª do refalsado movimento que se operava, se tornaram inuteis.

E passemos ao segundo ponto.

II

O movimento a favor da candidatura do sr. bispo d'Himeria era partidario.

Não ha ecclesiastico, que militasse no partido regenerador, que tivesse conhecimento da mensagem, senão depois d'esta ser annunciada e transcripta pelos jornaes. Houve um especial empenho em occultar a quem não lesse pela cartilha progressista.

Recomendava a boa ordem e não menos a boa tactica (que de tudo possui em grande escala o sr. abbade Paes) que os primeiros ecclesiasticos, que deviam consultar-se, eram os que constituíam a direcção do centro catholico de Barcellos.

Pois d'esses ecclesiasticos apenas foi consultado o sr. arcepreste, não como presidente do Centro, mas apenas como arcepreste, a quem os ecclesiasticos da sua circumscripção muito respeitavam e veneram.

Eu era secretario do Centro Catholico.

Pois, quando tive conhecimento da mensagem, já o sr. bispo d'Himeria tinha participado ao chefe progressista d'este concelho que aceitava a candidatura. Foi o proprio sr. arcepreste quem me fez conhecer tudo isto em conversa particular e muito intima. Por essa occasião ainda aquelle preclaro varão não reconhecia em mim, e nos demais collegas, a obrigação de auxiliar a candidatura do sr. bispo d'Himeria, pondo de parte compromissos contrahidos pela palavra dada ao sr. conselheiro José Novaes.

Demais: por que razão se não convidou o clero, em nome do

centro catholico, para uma reunião magna, com o fim de se discutir a mensagem, que se destinava ao inclito prelado de Moçambique? Segredos... da politica indigena.

Que aguento, pois, as responsabilidades o clero, que d'ellas se tornou crêdor.

Quando o clero foi convidado pelo sr. arcepreste a reunir-se em Barcelinhos, quer o amigo Procopio saber quem lembrou esta reunião, redigiu e espalhou os convites? Foi nem mais nem menos que o chefe do partido progressista d'este concelho! Isto é positivo.

Nem as cartas de convite saíram da secretaria particular do sr. arcepreste!

Com isto é que Procopio, para ser prudente, devia matutar.

III

A «Palavra» falseou propositadamente a historia da candidatura do sr. bispo d'Himeria.

Foi este jornal o unico que, fechando as portas aos seus antigos collaboradores, que sabiam perfeitamente o que se operava nas altas e baixas regiões da politica,—deu ingresso a quantos insultos, falsidades e protestos os seus assignantes, desconhecedores da verdade, lhe enviaram.

Fui um dos que, com o desasombro e franqueza que sempre me distinguem, me dirigi á redacção d'aquelle jornal com algumas considerações e esclarecimentos, tendentes a pôr o publico ao facto da verdade. Pois, apesar de me dirigir em termos delicados e correctos, offerecendo á discussão o meu humilde arrazoado, fui posto no olho da rua com o meu artigo, que vinha acompanhado da seguinte carta:

«Porto, 6—4—97

«... Sr.

«Cumpre-me participar a v. ex.ª que não pôde publicar-se o artigo que v. ex.ª teve a amabilidade de nos enviar.

«Sou com todo o respeito

«De v. ...

«infimo servo

«Vicente F. Fonseca.

Publico esta carta, visto a «Palavra» estabelecer o precedente, bom ou mau, de publicar documentos particulares.

Agora pergunto: a redacção da «Palavra», se pedia luz, para que recusava a discussão? Se queria acertar, para que não admitia as informações de quem podia fornecer-lhas com exactidão?

É o Procopio da «Palavra» que aceita calumniosas informações, dando-lhes publicidade, para affirmar que eu, *até certa altura da lucta eleitoral usci de hypocrisia, que me portei com menos dignidade, etc., etc.* Desafio esse anonymo informador a que desafivele a mascara para provar a sua malevola affirmativa. As trevas só favorecem as toupeiras, para as suas empresas damninhas. Apareça, pois, que lhe hei de pôr em foco a heidiondez da sua alma. Se o não fizer, exijo de Procopio a retractação do que transcreveu, porque, por esse facto, assumiu a responsabilidade de tudo isso. E fique sabendo a «Palavra» e

o publico que *até certa altura da lucta eleitoral* revesti-me de tão feia **hypocrisia**, que, logo na reunião do clero em Barcelinhos (estavamos no começo dos trabalhos eleitoraes), manifestei a intenção de fallar em sentido contrario e desfavoravel á candidatura em questão. Se o não fiz, foi por ser a reunião levantada quasi tumultuariamente, sem que as adhesões do clero ausente se lessem, como é da praxe.

E ainda ousam apodar de hypocrita a quem teve e tem a demasiada franqueza de expressar o seu sentir, sem olhar a interesses nem a futuros!

Confessei e confesso que era desfavoravel á candidatura, não por qualquer paixão politica, mas porque previa a derrota do sr. bispo d'Himeria, que admiro e reverencio mais do que aquelles que o enganaram e entregaram a uma lucta ingloria e em nada consentanea com o seu character, posição e grande prestigio. Não o auxiliei, nem o podia fazer. Se fôr essa a falta de que me accusam, não necessito para ella, creio eu, de absolvição.

Foram os pseudo-amigos do sr. bispo d'Himeria que, com os seus conciliabulos secretos, deram tempo a compromissos que nunca teriam logar, se usassem de franqueza e sinceridade.

A meu lado está o melhor clero de Barcellos, clero que se impõe pelo seu exemplar comportamento, pelo zeloso cumprimento dos seus deveres e pela sua aprimorada educação. Foi elle quem me deu o exemplo e ao mesmo tempo força para me sustentar no primitivo apurmo.

De resto não fui nunca politico. Pela primeira vez fui á urna, como escravo da minha palavra e prezador da minha dignidade. Tenho a profunda convicção de que os informadores de Procopio não poderão dizer o mesmo.

E para terminar:

O sr. Manuel Fructuoso da Fonseca é o Procopio. Se quizer que lhe declare o nome d'uma pessoa que o sabe da propria bocca de s. ex.ª, pessoa muito intima da redacção da «Palavra» e não menos intima do auctor d'estas linhas, pode pedir, que será satisfeita a curiosidade. Nem todos parecem *viver na lua*... Convein declarar isto, para que se saiba quem ha de arrostar com as responsabilidades...

Agora, sr. redactor, espera da alta consideração de v. ex.ª á publicação d'estas minhas singelas considerações. Foi v. ex.ª que me chamou a campo. A defeza é legitima; e v. ex.ª conhece perfeitamente que a lei de imprensa garante-me o direito da defeza no mesmo jornal em que fôr atacado.

Pôde estabelecer a discussão, na certeza, porém, de que me ha de deixar reservado um cantinho do seu jornal, para eu voltar á defeza que entender necessaria.

Silva—Barcellos—24—5.º—97.

P.º JOSÉ DIAS VELOSO.

P. S.—Se este meu artigo não merecer publicidade, espero de v. ex.ª a fineza de m'o devolver.

P.º VELOSO.

FORRAGENS ENSILADAS

Na alimentação racional dos gados, nada influe sobre as quantidades e qualidades dos productos que se esperam dos animaes: leite, carne ou lã, como o emprego de forragens verdes, cuja cultura intensiva constitue pois a base de todas as operações zootecnicas.

Mas na agricultura, como em todas as cousas, ha necessidades que é preciso soffrer. Durante o inverno, quando toda a vegetação está suspensa, quando só folhas mortas atapetam o chão é-se obrigado a resignadamente alimentar o gado com forragens seccas: palha, feno e restolho; isto particularmente nos mezes de janeiro, fevereiro março, porque em todos as outras quadras do anno, escalonando convenientemente as sementeiras pode-se ter verde até ao mez de dezembro e já d'abril em diante.

É assim que o centeio semeado em setembro pode ser cortado verde no mez d'abril; o mesmo succede com o trevo vermelho, e alem d'isto, as couves, os nabos semeados em maio e junho são utilisaveis em outubro, novembro e até em dezembro.

Restam apenas tres mezes em que não é possível a colheita do verde. Cuidou-se em conservar as forragens, e conseguiu-se-o pela silagem, ou ensilagem.

Este methodo applicado ao milho de forragem desde 1831 por Reihlen, agricultor dos arredores de Stuttgard, foi depois generalizado a outras forragens verdes, especialmente ao trevo, melga e restolho dos prados e tambem ás couves e folhas de betterava.

Os silos fazem-se de tres formas:

- 1.º Silos em aterro;
- 2.º » » pedra;
- 3.º » » ao ar livre.

Os primeiros, menos custosos e mais facéis de construir, serão o especial objecto d'esta nota.

Eis a forma de os construir:

Em um terreno consistente e pouco permeavel cava-se um fosso de 1 metro a 1^m, 50 de profundidade, a largura e comprimento varia á medida da quantidade de forragens que se pretende guardar; a terra proveniente da escavação é posta em monte ao redor do fosso.

A forragem, milho ou qualquer outra, previamente cortada é disposta no silo; algumas vezes podem não se retraca, e então é arumada no sentido do comprimento. Em ambos os casos as forragens devem ser calcadas fortemente no fosso, que se enche assim completamente, excedendo mesmo o nivel do solo aproximadamente 0,º 60. Depois cobre-se com palha e taboas que se carregam com a terra que sahiu do fosso. É conveniente não depositar directamente sobre a terra, convidando guarnecer fundo do silo com palha para isolar as plantas da terra.

Os dois pontos essenciaes n'esta operação são:

- 1.º Evitar os vacuos nas diversas camadas para as por ao abrigo completo do ar;
- 2.º Carregar fortemente o silo. Esta carga nunca deve ser inferior a 700 kilogrammas por metro quadrado;

As forragens assim acondicionadas conservam não só a sua zona de vegetação mas experimentam no silo modificações químicas vantajosas se a ensilagem foi bem executada.

Com effeito a forragem verde (porque é neste estado que elle deve ir para o silo, pois que qualquer pequena dissecação é lhe sempre desfavoravel), a forragem verde diziamos acima, sofre nos silos uma fermentação alcoolica que origina transformações pouco variaveis seguindo a natureza da planta.

O milho gigante, que é a forragem mais ordinariamente ensilada, encerra segundo L. Grandeau, que especialmente se tem occupado d'esta questão, os seguintes principios: agua, assucar, materias azotadas (albuminoides), materias não azotadas (amidon, etc.), materias gordas, cellulose e saes mineraes.

E a agua que predomina, entrando na proporção de 84 a 85 por cento no milho recém-cortado.

Nos silos, estes principios sofrem, sob a influencia da fermentação, mudanças químicas cujo resultado final é o de enriquecer as forragens em determinados elementos á custa d'outros que se transformam em agua, acido carbonico, alcool e outros compostos volateis.

Algumas vezes junta-se ao milho a ensilar quantidades variaveis de palha cortada, etc. Ora, o mesmo que se passa com o milho succede com a palha, dando pois essa pratica bons resultados.

Grandeau e Leclair estudando um milho d'este genero obtiveram depois de pacientes trabalhos os seguintes resultados:

1.º Que a fermentação do assucar natural da planta produz alcool, etheres compostos e acidos em abundante quantidade;

2.º Que o amido e uma parte da cellulose se transforma em glucose sob a influencia da acidez do meio;

3.º Que as substancias azotadas e as materias gordas concentram-se e augmentam de um dado peso em consequencia da destruição das materias não azotadas (amido e cellulose);

4.º Que em definitivo, as forragens ensiladas enriquecem-se em principios azotados na proporção das materias não azotadas que contem.

E' assim que 100 kilogrammas de forragens ensiladas contem mais azote que outros 100 kilogrammas de forragens recém-collidas.

Alem d'isso, para se fixar melhor este assumpto nada mais a proposito do que trazer para aqui o resultado das analyses químicas comparativas do milho natural e do milho ensilado:

	Milho	
	Natural	Ensilado
Agua	86,20	60,72
Assucar	0,43	1,89
Materia azotada	0,90	3,74
Materia não azotada	7,67	14,59
Materias gordas	0,18	1,50
Cellulose	3,67	8,70
Cinzas	0,95	8,43
Acidos	"	0,40
	100,00	100,00

As modificações das forragens ensiladas não são só de ordem chimica, mas tambem physica.

Estas manifestam-se no volume que se reduz sempre, tanto que no fim de alguns mezes, um silo estabelecido como nós indicamos está raso com o solo; a cor muda e o mesmo succede com o cheiro. Entretanto a coloração muda tanto menos quanto a ensilagem tenha sido mais perfeita; algumas vezes a cor verde torna-se mais ou menos escura. Quanto ao cheiro, é essencialmente variavel, geralmente é um

pouco alcoolico, mas a maior parte das vezes é fortemente pronunciado, devido aos acidos butyrico e acetico que se desprendem; apesar d'isso os animais habituam-se depressa a esse cheiro, que não deixa de impressionar desagradavelmente o nosso olfacto.

As forragens ensiladas, e sobretudo as bem ensiladas, são de um emprego vantajoso na alimentação do gado; todavia não constituem senão uma parte de ração.

As experiencias de Joulie e Cottu sobre os animais de cornos sujeitos á engorda são em favor do trevo secco. Turckheim notou tambem os bons resultados das forragens ensiladas na alimentação de vacas leiteiras.

A ensilagem, pois, conduzida conforme estes dados scientificos, offerece um precioso recurso á agricultura, mas desprezados estes preceitos só se obterão productos imprestaveis.

O pedantismo dos diplomados

Fui agora espicaçado pela leitura d'um *espiche* litterario, tendente a demonstrar que só os individuos doutores, *embagajados* de exames, podem ter auctoridade de falar, com desassombro, de tudo e sobre tudo.

Tem o seu motivo de ser quanto ao corrente da vida, em muitos casos: «falla como um doutor» ou, «é um doutor, a fallar».

Porém, palpada a razão, temos que um *doutor* nem sempre é synonymo de um intellectual.

Quando muito póde ser um sabedor.

E, ao mesmo tempo, um estúpido...

Ha dezenas de annos, quando só os privilegiados da fortuna podiam frequentar as universidades — verdadeiros *arcopagos*—eram elles os monopolistas da sciencia, que vinham espalhar, com a arte, *nativa*, de saber dizer, para o meio da gente ignara, que os applaudia inconscientemente.

...A inconsciencia diante da *novidade*.

E' preciso porém frisar: ha uma *coisa* que não se bebe nas academias e que torna, intellectualmente, o homem superior aos outros: — é a intelligencia, o talento, o genio!...

Sem uma d'estas qualidades, temos, doutor, um individuo com sciencia, mechanicamente introduzida no cerebro.

Uma questão de *gymnastica*.

Sabe para si, mas é impotente para o communicar aos outros, já pela penna, já pela palavra, e, se o faz, é um *anemico*.

Diga-se: hoje já não ha *monopolio de saber*; o individuo de grandes faculdades assimiladoras tem — a locomotiva que o transporta, rapida e facilmente, sobre o globo; tem os museus, que são os mostruarios das sciencias e das

artes; tem a photographia que lhe traz á vista os mais estranhos pontos do orbe; tem o jornal, tem o livro!...

Viajar tem muita relação com estudar.

Aprende mais, o espirito lucido, n'um anno, passando revista ao que ha de mais suggestivo n'este planeta, do que o que estaciona dezenas de annos sobre livros.

O primeiro tem mais facilidade de reter, porque tem o bello em realidade, *palpavel*, a entretel-o.

Sem o phosphoro, sem a divina scintilla, o doutor é uma nullidade, é um zero atraz de um algarismo...

Um diploma de doutor, nem sempre significa auctoridade.

Assim como não se é litterato, fallando superficialmente de mil obras, porque na critica quer-se profundidade de observação, analyse, para assim dizer *anatomica*, de *factos*, de *circunstancias*, que a *muitos* passam despercebidos.

O destaque da originalidade é o que pode salvar o já tão explorado meio da litteratura.

Do que ha, *sabido*, só muito pintado ao vivo, ao natural...

Para trabalhos d'esta ordem o que principalissimamente se requer é faculdades de trabalho, estudo pertinaz e persistente, dizer suggestivo e a arte, a suprema arte de emocionar e persuadir.

Não eram diplomados: Oliveira Martins, publicista e estadista notavel; Camillo Branco, o nosso primeiro romancista e esculptor da lingua patria; Antonio Rodrigues Sampaio, o valente jornalista e não menos insigne estadista.

Não o são: Ramalho Ortigão, critico primoroso e primorosissimo artista da palavra escripta; Silva Pinto, critico espirituoso, profundamente caustico; José Caldas, o distincto articulista; etc., etc.

E apesar d'isso tiveram uns, e têm outros, o magico condão...

Não é só das academias que saiem os grandes homens.

E' ver. Hugh Miller, estuda na pedreira de Cromarty, a geologia!

Palyse, sob desesperos de insuccessos, e premido por dissabores de familia, n'um pequeno forno, descobre as *rusticas figulinas!*

Gifford, n'uma loja de sapateiro ensaia-se para a eminencia do jornalismo, a que trepou na «*Quartely Review*».

E' porisso que me fez *mosa* aquillo de *omnipotencia doutoral*.

Um—sem exames.

Benemerencia

A sr.^a viscondessa d'Oliveira, por occasião da sua estada, ultimamente aqui, mandou entregar ao Asylo d'Infancia Desvalida dos SS. Corações de Jesus e Maria—10:000 reis.

AO SR. ARCEBISPO

O novo parcho de Moure

Lavra enorme indlgnação, na freguezia de Moure, contra o parcho que, ultimamente, alli collocaram as conveniencias politicas.

E é muito significativa esta indignação, sabendo-se que esse parcho é natural d'essa freguezia, e que, pelas *muitas sympathias* que n'ella gosa e attenta a sua vida *immaculada*, todos os seus patricios o julgam indigno de ser seu parcho!...

E ha fundamento para tamanha indignação?

Ha! Sabemos que o sr. arcepreste declarou que nunca esse padre parochiará qualquer freguezia d'este arceprestad—*com boa informação* de s. rev.^{ma}!...

E sabemos muito mais!...

Mas os factos são o que são. E o tal padre, a quem os seus patricios votam total indignação, é collocado n'aquella freguezia!...

Artes magicas da politica, mas da politica progressista, porque só esta politica desmoralizadora podia proteger um padre que, devido aos seus pessimos costumes, é repellido por todos os seus concidadãos!...

Falla bem alto a representação apresentada ao reverendo arcebispo, assignada pela maioria dos individuos d'aquella parochia, onde se leem verdades que envergonhariam o ente mais abjecto, quanto mais um padre catholico!...

E nem se argumente com as boas informações dadas pelos srs. arceprestes de Braga e Famalicão, porque sabemos de boa fonte que estes dignos ecclesiasticos, se deram taes informações, foi tão só para se verem livres do *accolente* padre que os seus proprios patricios repellem!...

Não queremos agora fazer libellos accusatorios contra esse padre, apesar de termos elementos para demonstrar que é o ecclesiastico que mais concorre para o desprestigio da sua nobre classe!

A sua vida maculada é bem conhecida, e consta até d'alguns processos!...

Chegou a obrigar seu proprio pae e causou graves danos a uma sua irmã!...

Em lugar do socego, da paz e do amor, leva ao lar dos seus parochianos a inquietação e a discordia, e até peor do que isto!...

Não é um pastor: é um lobo!

E, pois, justissima a indignação que lavra no povo de Moure, contra o seu novo parcho! Esse povo confia que o illustre e venerando arcebispo lhe ha de fazer justiça, mandando para longe e bem longe d'aquella freguezia o tristemente celebre padre Lourido.

E assim é preciso para o respeito da nossa santa religião e socego dos lares domesticos.

Domingos Carreira

Este nosso collega, um rapaz de talento artistico, na nossa terra, um amigo sincero e devotado, teve o seu anniversario natalicio na ultima segunda-feira, 31. Abraçamol-o mui sinceramente.

Ao sr. administrador

Ha p'rahi uma circular d'um governador civil, em vigor, tendente a prohibir a mendigação a individuos que não tenham auctorisação para isso. São obrigados ao uso de uma chapa no fato, e não lhes é permitido pedir em voz altamente cantada.

Isto alem de outras cousas que não veem ao caso.

Nada se observa... Que o diga o sr. dr. Almeida Ferraz quando atravessa a ponte, para Barcellinhos, ás quinta-feiras.

Rectificando

Mal informados por quem privo muito com o sr. João Vallongo, dissemos que a orchestra que se fez ouvir, sob a regencia n'este nosso amigo, nas exequias que a Meza da Santa Casa fez celebrar no seu templo, por alma do sr. visconde d'Oliveira, tinha na sua composição elementos muzicaes, estranhos. E' menos verdade.

Relogio

Pedimos providencias á ex.^{ma} Camara afim de que o relógio municipal *entre na ordem*.

Faz muita tolice, o que prejudica, mui especialmente, os empregados publicos.

Xavier Lima

Este nosso amigo e patricio, que aqui gosa de geraes sympathias pelas suas boas qualidades de character e de amor por esta terra, partiu ante-hontem para Paris, acompanhado de s. ex.^{ma} esposa e filhos D. Guiomar e Miguel. Que seja feliz na viagem.

Missa

No dia 7 do corrente, celebra-se, no templo do Recolhimento do Menino Deus uma missa e responso em suffragio da alma do ex.^{mo} sr. commendador José Marques da Costa Freitas

Assim commemora a Commis.^{ão} administradora o primeiro anniversario do fallecimento d'um benefactor d'aquella casa de caridade.

Eleição da St.^a Casa

Recomendamos aos respectivos irmãos todo o escrupulo na escolha dos cavalheiros a eleger.

A meza actual tem feito boa administração e, por isso—com pequenas excepções—deve ser a reeleita.

A ella se devem todos os melhoramentos ultimamente realisados, sendo digno de todo o elogio o sr. thesoureiro, que tem satisfeito todas as ordens de pagamento, constando-nos haver, algumas vezes, um pequeno *deficil* no cofre.

Nada mais desejamos do que uma acertada escolha, afim de que o pão dos pobres seja bem administrado, e, por isso, fazemos votos sinceros para que não chegue a ter cotação no mercado uma *chapa* para ahi combinada, porque—se contem algum trigo—a maioria é joio... e do pior.

Festividade

Realizou-se, no ultimo domingo, na igreja dos Terceiros, a festividade que aqui annunciamos, á Virgem Maria, com communhão geral, missa cantada, exposição, e sermão, que foi confiado a um frade de Montariol.

O templo estava firmosamente adornado.

Andou lá dedo artistico do João Chrysostomo.

O altar da Virgem estava em mimo de arte, nunca vimos em Barcellos decoraçào tão apurada.

O sermão satisfez. Pena é que a voz do orador o não ajudasse, porque a forcava para se ouvir, tornando-a desagradavel.

A missa e todos os demais actos foram acompanhados a orgão e vozes por um grupo de senhoras, sob a intelligente direcção da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Guilhermina Fernandes, uma das amadoras mais distinctas do nosso pequeno meio artistico.

Coincidencia!

O nosso presado collega O *Regenerador*, de Monsão, publicou um artigo epigraphado—*Para onde caminhamos?*...—exactamente igual ao que aqui saiu em o numero 17.

Nem uma só virgula de differença!...

E' notavel a coincidência, não lhe parece, collega?

Cynismo ou estupidez?

O papel da cadeia, que uma vez por semana se espalha nas mais asquerosas immundicies que offerece aos domingos a seus assignantes á rasão de 13200 rs. por anno, arremette furiosamente por seu ultimo numero contra o nosso amigo sr. padre Velloso, parochio da Silva, alcunhando-o de cynico e estúpido por elle ter dirigido uma bella *bisca* a um dirigiço pretencioso que rabisca na «Palavra» umas correspondencias de Lisboa (e que afinal saem da forja da mesma «Palavra»).

Cynico e estúpido?
Cynicos são os redactores do immundo papel que enganaram o sr. bispo de Himeria, fazendo-lhe certa a victoria até ao proprio dia da eleição.

Cynicos são os redactores do immundo papel que enganaram o sr. bispo de Himeria, fazendo-lhe certa a victoria até ao proprio dia da eleição.

Cynicos são os escribas do «Commercio de Barcellos» que tiveram a desfaçatez de considerar como victoria a mais vergonhosa das derrotas.

Estupidos são esses amadores de simonte que escrevinham no papel da cadeia, dizendo que a derrota foi para os catholicos e não para os progressistas.

Estupidos são esses desafortados garatujadores que acharam pouca liberdade na luta eleitoral, tendo a seu lado a auctoridade e a força armada!

Estupido é esse desbocado *padre-mestre* do «Commercio», que prometteu velas a St.º Antonio (advogado dos animaes) se não vingasse a causa que tanto tomou a peito!

Cynicos e estúpidos são todos elles, *padre-mestre* e *acolytos*, que ainda esvurnam a bilis do seu rancor.

Para traz, escribas: sabeis ao menos occultar a hediondez da vossa negregada alma!

Bem se vê que a nota, com que *fulsamente* pretendis biographar na «Palavra» o sr. padre Velloso, saiu do vosso immundo e desbocado *padre-mestre*, que perdeu ja todos os sentimentos de dignidade.

Simonte e juizo... é do que mais necessita.

GAZETILHA

TENHAM DÓ DO D. RAPOSO

Fazem-no doido varrido, Pobre senhor D. Raposo!... Elle, que era tão manhoso p'ras mazellas: encobrir, Já não tem p'ra isso ideas, Faz de tudo um aranzel, *Enfadas de cordel* E' o que sabe urdir!...

Não tem graça nas facecias, Com que d'antes entretinha, Com que p'ra tudo elle vinha!... São chochas, sem resultado, Foi á parede a valer!... Entraram-lhe bem em casa, Foram-lhe ás feridas da aza, Está corrido, apatetado!...

Mas não dá parte de fraco. Entia *iscas, fuzis*... Finge pôr pontos nos ii, Finge que está convencido Que ainda têm algum valor As taes miscellaneas vãs, Em que mette os pés pelas mãos, Mostrando estar decahido!

Eu, por mim, deixava-o em paz, Pois não vejo merecimento, Em correr tal lazarento— De má, raça e estropeado... E' melhor mandal-o á fava, E', mesmo, mais generoso Pôr de parte esse Raposo, Qu'está de todo exgotado.

Deixal-o ás suas tibornas... Que vá fazer sementeiras, Inoffensivas asneiras, Divertido disparate:— Colha *uvas* para *saludas*, Cultive, p'ra *vinho fino*, *Cabaça*, *abob'ra*, *pepino*, P'ra *vinho verde*, *tomate!*...

Continue as *collecções*, Discurse á lua as *sabidas* Pilherias tão repetidas... E somos nós mais amáveis Para com nossos leitores Não mechendo, do tal *odre* *D'inveja*, as *sujas* e *podres* Mizernias, desagradáveis!

Zé Povinho.

TRIBUNAL

Na ultima, segunda-feira, foram julgados, no tribunal d'esta comarca, os auctores do furto de dous fardos de fazenda, no valor approximado de 150:000 reis, feito a Domingos Pereira do Rio, d'esta villa, na noite de 19 para 20 de janeiro e do qual demos noticia circumstanciada no primeiro numero d'este jornal.

Eram elles:—Gregorio José de Faria o «Lampianista»; José Botas, João Leite Serra e Manuel Henrique Dias de Souza, o «Buraco».

Este era accusado tambem do furto de alguns objectos pertencentes a D. Maria Belisa da Silva Benevides, e ainda de ter dado uma navalhada em Joaquim Fitas, de Mariz.

Conjunctamente a estes réos, foram julgados—Manuel de Souza Pimenta e Domingos Martins, que pronunciados haviam sido como encobridores do furto das fazendas.

O sr. dr. Nunes da Silva, digno magistrado do M. P., fez uma vehemente accusação a todos os réos, e, em seguida, foi dada a palavra ao sr. dr. Rodrigo Velloso, officiosamente nomeado patrono d'elles.

Encerrados os debates, proferiu o jury o seu veredictum, dando como provado o crime de furto apenas quanto aos quatro auctores, e como provado tambem o furto de D. Maria Benevides, imputado ao «Buraco».

Em consequencia, foi lavrada a sentença pelo Meretissimo Juiz, condemnando:—o «Lampianista», em 4 annos, 9 mezes e 18 dias de prisão maior celllular e na alternativa em 8 annos de degredo em possessão de primeira classe, e com 6 mezes de multa de 100 por dia, em qualquer dos casos;—o Botas, em 3 annos de prisão maior celllular, e na alternativa em 5 annos de degredo em possessão de primeira classe, e em seis mezes de multa, a 100 reis por dia, em qualquer dos casos; o Serra e o Buraco em 6 annos de prisão maior celllular, ou em 9 de degredo em possessão de primeira classe, e na multa de um anno, a 100 reis por dia, em qualquer dos casos.

A sentença foi lida era uma hora da noite.

Aos habitantes da villa

Tem-se descurado, ha tempo, a esta parte, a limpeza das casas e muros da nossa villa. Vae, assim, perdendo ella, e pena é, a sua antiga garridice.

Esforça-se a nossa ex.^{ma} vereação por conseguir d'alguns particulares—quanto em suas forças cabe—a almejadalimpeza, e n'essa parte cabem, especialmente, rasgados elogios ao sr. Thomaz de Araujo; mas se, a maior parte, tem cumprido, cavalheirosamente, o empenho da ex.^{ma} vereação, outra faz ouvidos de mercador.

Quanto a despejos, cumpre mencionar que quasi todos os moradores das casas que têm trazeiras para a viella da rua Direita, sem escrúpulos, fazem d'ella sentina. Na ultima invasão cholérica foi esta parte da villa a que mais soffreu.

E' bom que os barcelenses dêem a esta terra os fóros de limpa, de que tanto gosou, e que a ex.^{ma} vereação municipal prosiga no seu empenho em favor da hygiene e da belleza de Barcellos.

Um regedor gaitero...

O regedor de S. Salvador do Campo, João José Ferreira, o «Rato», tem uma amante de quem é muitissimo amigo, e cuja, dita, o é, muitissimo mais de Domingos da Cunha, o «Pauta».

Isto recorda-nos aquilo do José Ricardo, embora pouco a proposito:

«...O rapaz gostava da rapariga e a rapariga gostava do rapaz. Gostavam um do outro mutuamente. Passados nove mezes o rapaz não teve nada e a rapariga teve um rapaz.»

Mas vamos á historia.

A heroína chama-se Izabel Gaita. Como não corresponde aos ternos carinhos do regedor, este enfina-se, mas não lhe bate porque *comprehende* que n'uma mulher não se bate sequer com uma flor; tonia outro expediente—prende o seu rival a pretexto de que este o insultou, o que se prova ser mentira, com muitas testinunhas.

E, assim, temos, agora, o «Pauta», victima innocente, saltar como um gato sobre o «Rato», pautado pela lei, apresentando suas queixas ao sr. dr. delegado.

Para o regedor não ser *gaita*...

A' vontade!...

Os phariseus do «Commercio» levam tão longe o odio que nos votam que se esfalfam em clamar que o nosso jornal é este e aquelle, e tal, etc!...

Ora bolas! Com isso só nos prestam bons serviços, porque fazem reclamo ao nosso «Barcellos». E' que todos sabem a razão por que esses jornalistas (?) nos querem mal; e o povo diz muito bem, em casos identicos:—«Vozes de burro não chegam ao céu!»—

E é assim.

Já o grande Lesseps dizia aos seus detractores:—«Os caes ladram, mas a caravana passa»

E passou!

A nossa tambem ha de passar, apesar dos latidos da tal canzoada.

Continuem, pois, a latir, que com isso só nos prestam serviços.

Com um *passa-fora*, auxiliado pelo bico da bota, seguimos o nosso caminho, tranquillamente.

Pharmacia Moderna

O nosso querido amigo Delfino Esteves, no intuito de corresponder plenamente ás exigencias do publico, acaba de estabelecer um serviço permanente na sua pharmacia.

Notas diversas

Acha-se n'esta villa o ex.^{mo} sr. dr. Manuel Paes.

—O 1.^o sargento de infantaria 20, sr. Antonio Julio Guimarães Lobato, foi promovido a sargento ajudante para infantaria 23.

—Esteve n'esta villa o nosso patricio e amigo sr. Anselmo Vieira, empregado commercial.

—Domingo, verifica-se na egreja parochial de Barcelinhos, uma luzida festividade em honra do Sagrado Coração de Maria.

A musica, a grande instrumental, é da capella do sr. João Vallongo.

—Temos em este anno luzidas festividades ao Santo Precursor, na egreja da Collegiada, largos da Camara, Bemfeito, Fonté de Bairo e no lugar de Medros em Barcelinhos.

—Não se realisa no proximo domingo, no templo do Bom Jesus da Cruz, a festividade ao Menino Deus.

Ficou transferida para o dia 13.

A pedido

CONFIDENCIAS

A Sousa Ribeiro—quintanista de direito na Universidade de Coimbra

Se como Camões—na saudade, Ou Tasso—no desespero, Soubesse pulsar a lyra Na solidão do meu ermo...

Verias então que nem Dante, Bernardim—o sonhador Sentiram tão bem sentido Um tão puro e casto amor.

Hereulano—rei da prosa, João de Deus—o immortal, Thomaz Ribeiro—o inspirado, Garrett—o sem rival...

Miguel Angelo—sublime, Raphael—o divinal, Pedro Rubens—o realista, Murillo—o ideal.

Não saberiam dizer, Não saberiam pintar A sublimidade do meu querer, O infinito do meu amar.

E queres saber, minha vida, Porque assim te quero tanto? E sem corar o confesso, E não escondo o meu pranto?

E' que tu, agnia potente, Sem um fragil apoio ter Vaes subindo o teu calvario Sem vacillar nem tremer.

E nem Pelayo—em Covadonga, Napoleão—conquistador, Afonso Henriques—na peleja Deuonstraram mais valor.

Tudo em ti é impotente, Mas o que mais me prendeu, Foi o amor que consagraste Aquella que o ser te deu.

Gigante no pensamento, E infinito no saber, Impetuoso no sentir, Mavioso no dizer...

És qual roble gigantesco, Que ostentando o seu vigor Deixa que a pobre heraziuha O enlace com amor.

E no teu arroubramento, D'um affecto sem igual, O teu sonho é bendizel-a No seu amor maternal.

És um conjuncto perfeito Do mais acrysolado amor. Offereço-te pois, como preito, O meu canto sem valor.

A Ella, mãe carinhosa, Envio-lhe um beijo meu, E o coração saudoso, Partido junto do teu,

Que insensível a este amor, Que me avassalla a razão, Deixas em pranto diluir A minha mais querida illusão?

Soffro muito, mas orgulhosa. Nunca a fronte curvarei, Embora despedaçada Nem assim te maldirei.

Só quero que junto d'ella, Quando os teus beijos beber, Não esqueças que tristemente Meus dias vão feneceer.

Se porém a desventura Terrica e gelida te empolgar, Oh! então foge e relembra Aquella que sabe amar.

E vem, para te dizer, Em soluçante fremito: Sou triste como o deserto, És grande como o infinito.

Espozende, 15-5-95.

Flor de Liz.

A. B. Esta poesia não está no n.º 48 por haver-se desaccaminado o principio original. O autor protesta contra quem fizer uso d'ella, com o mesmo ou outro pseudónimo.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Manuel Mello retirando-se, inesperadamente, para o Pará, onde o chamam para proseguir na carreira commercial, que abandonou da por motivo de doença, vem, por esta forma, visto a impossibilidade de o fazer pessoalmente, despedir-se das pessoas das suas relações de amizade, e offerecer os seus servigos n'aquella cidade. Barcellos, 24 de maio de 1897.

Convite

Os vogaes da Commissão Administradora do Recolhimento e Asylo d'Infancia Desvalida do Menino Deus, d'esta villa, querendo commemorar o primeiro anniversario do passamento do finado ex.^{mo} sr. Commendador José Marques da Costa Freitas, resolveram mandar celebrar uma missa e responso no dia 7 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã, no templo d'aquelle estabelecimento de caridade.

Convidam, por isso, por este meio, todas as pessoas das suas relações e da familia do finado, a assistirem áquelle religioso acto, pelo que desde já se confessam muito reconhecidos.

Barcellos, 1 de Junho de 1897.

Narciso Alves de Macedo
Manuel José de Souza
Augusto Fortunato dos Santos Ferreira
Secundino Pereira Esteves
Francisco Antonio de Faria.

Bombeiros Voluntarios de Barcellos

Até o dia 10 do corrente, recebem-se, n'esta associção, amostras de panno azul-sédan, castor ou meltom—que tem de ser empregado no novo fardamento das pracas e musicos e cujo preço não excederá 2:000 reis cada metro.

O fornecimento é de 100 metros e será pago promptamente logo que a commissão nomeada para o exame emitita o seu parecer.

Barcellos, 1 de Julho de 1897.

O presidente,
Antonio Esteves.

PREDIO



Algam-se os altos do predio onde está instalada a redacção do «Barcellos», com frente para as ruas Barjona de Freitas e Direita. (51)

Editos de 30 dias

2.^a publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Barcellos e cartorio do 1.^o officio—Cardoso—correm editos de trinta dias citando para apresentar as suas reclamações os credores incertos da herança jacente deixada pela fallecida Rachel Theodora, solteira, d'esta villa, na forma do disposto no § 2.^o do artigo 693 do Código do Processo Civil, cuja herança foi declarada vaga para o estado por despacho de 20 de Maio de 1891.

Barcellos, 21 de Maio de 1897. (49)

Verifiquei a exactidão.
O juiz de Direito,
Fernandes Braga.
O escrivão,
Manuel C. e Silva.

Editos de 30 dias

2.^a publicação

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do 6.^o officio—Balthasar—nos autos d'inventario orphanologico por fallecimento de Luiza Roza de Souza Caravana, viuva

de Antonio José Caravana, que foi d'esta villa e em que é inventariante seu filho David de Souza Caravana, casado, d'esta mesma villa, correm editos de trinta dias a citar o co-herdeiro João Alberto de Souza Caravana e os representantes do fallecido co-herdeiro Luiz Maria de Souza Caravana, que se diz serem seus cinco filhos, todos auzentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistirem a todos os termos do mesmo inventario até final, deduzindo n'elle os seus direitos, com a pena de revelia e sem prejuizo do seu regular andamento.

Pelos mesmos editos e para o mesmo fim, são tambem citados os credores e legatarios da mesma inventariada, desconhecidos ou domiciliados fóra da comarca.

Barcellos, 24 de maio de 1897.

Verifiquei a exactidão.
O juiz de direito,
Fernandes Braga.
O escrivão,
José Claudio Pereira Balthasar.

Editos de 30 dias

1.^a publicação

Pelo juizo Direito d'esta Comarca de Barcellos e cartorio do escrivão do 1.^o officio—Cardoso, a requerimento de Constantino Gomes de Faria, casado, lavrador, da freguezia de Christello d'esta mesma

Comarca, correm editos de trinta dias que serão contados desde o dia da segunda publicação do annuncio no Diario do Governo citando todos os interessados incertos que se julguem com direito a impugnar a habilitação deduzida n'este juizo pelo requerente, com interveniência do Ministerio Publico, para na segunda audiencia d'este juizo findo o praso dos editos, verem accusar a sua citação, e ahi assignar-se-lhes tres audiencias para deduzirem qualquer contestação que tenham a oppor, com pena de revelia.

Por essa habilitação pretende o requerente ser julgado habilitado como unico e universal herdeiro de seu tio Manuel Ferreira da Cruz, solteiro, morador que foi na freguezia de Villa Secca d'esta Comarca e fallecido em 25 dezembro de 1896 naquella freguezia de Christello no estado de solteiro sem ascendentes nem descendentes mas com testamento publico feito em 2 de Setembro de 1891 em que o instituiu seu unico e universal herdeiro, e isto para todos os effeitos legaes e designadamente para lhe serem averbados a seu favor ou em seu nome os seguintes titulos de credito componentes da herança do dito finado seu tio Manuel Ferreira da Cruz, em nome

de quem elles se acham averbados, e não comprehendidos nos diversos legados por elle deixados no mencionado testamento; a saber:—oito inscrições da divida publica d'este reino do valor nominal de reis 100,500 cada uma, com os n.^{os} 12:618 — 100:566—100:567 — 133:730—136:689 — 136:690—136:691 — e 136:692—; e bem assim para poder receber os juros d'estas inscrições vencidas e que se vencerem.

Declara-se que as audiencias ordinarias n'esta Comarca, são feitas ás terças e sextas-feiras de cada semana, no tribunal judicial situado junto do edificio dos Paços do Concelho, d'esta villa, não sendo dias sanctificados nem estando comprehendidos em ferias, porque, em tal caso, se fazem nos immediatos se tambem não forem impedidos.

E para constar se passou o presente extracto, cuja exactidão foi verificada pelo respectivo Juiz de Direito, Doutor Antonio Augusto Fernandes Braga, que por estar conforme o rubrica.

Barcellos, 28 de Maio de 1897.

Verifiquei a exactidão.
O juiz de direito, (51)
Fernandes Braga.
O escrivão int.^o do 1.^o offi.^o,
Manuel Cardoso d'Albuquerque.
O solicitador,
Francisco Antonio de Faria.

PHARMACIA MODERNA

DE

Delfino Pereira Esteves

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

N'ella se encontra á venda especialidades pharmaceuticas, productos chimicos, mamedeiras, fundas, algalias, agua mineiro-medicinas nacionaes e estrangeiras, etc.
A preparação dos medicamentos, é a mais escrupulosa, pois é feita pelo proprio proprietario.

33 e 35, Rua Direita—Barcellos

!BARATO!

Artigos de novidade e phantasia proprios para a presente estação.

Sevilhanas, armurs, merinos e um completo sortido de guarda-soes de seda nacional.

JOÃO CARLOS COELHO DA CRUZ
7, R. Barjona de Freitas, 11

BRANCO E NEGRO

REVISTA LITTEARIA, SEMANAL, ILAUSTRADA MODERNAMENTE E COM DISTINCTA COLLABORAÇÃO
Assigna-se em Barcellos no estabelecimento de Joaquim Barroso de Mattos & C.^a

Manda-se vir toda e qualquer obra da casa editora de Antonio Maria Pereira, de Lisboa, onde é editado este semanario.

Largo da Porta Nobre

“BARCELLOS”

REGENERADOR

EDITOR RESPONSAVEL

AUGUSTO SOUCASAUX

Assignatura

Anno.	1\$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	40 »

Para fóra de Barcellos accresce o importe das estampilhas.

Publicações

Corpo do jornal . . .	40 réis
Secção de annuncios. .	30 »
Repetições	20 »
Annuncios annuaes, ajuste especial	
Os srs. assignates têm o abatimento de 25 por cento.	

Publica-se ás quintas-feiras

N'esta bem montada officina imprimem-se, com nitidez e promptidão, relatorios e estatutos de bancos e companhias, todos os modelos para repartições publicas, juntas de parochia e irmandades, circulars, facturas, talões, bilhetes de visita, etc., etc.

PREÇOS A COMPETIR COM AS PRINCIPAES CASAS DO PAIZ

RUA BARJONA DE FREITAS, (PROXIMO AO CAFÉ MATTOS)